

92,9 milhões é a população de brasileiros não-negros com 16 anos ou mais, segundo o IBGE

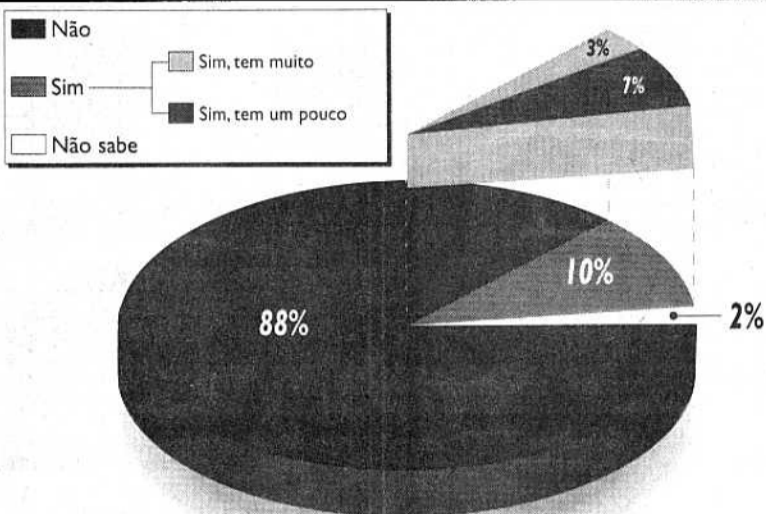
4,8 milhões é a população de brasileiros negros com 16 anos ou mais, segundo o IBGE



Pesquisa mostra como os brasileiros manifestam o seu 'racismo cordial'

O PRECONCEITO ADMITIDO...

Você tem preconceito de cor em relação aos negros?



Obs.: pergunta feita para brasileiros não-negros (brancos, pardos e outros) com idade igual ou superior a 16 anos.

Fonte: Datafolha

FERNANDO RODRIGUES

Da Reportagem Local

Pergunte a um brasileiro de 16 anos ou mais se ele tem preconceito de cor em relação a negros. O Datafolha fez isso no país inteiro. Em cada cem pessoas, dez disseram ter algum preconceito.

Em números absolutos, esses 10% representam mais de 9 milhões de brasileiros (não-negros de 16 anos ou mais).

O número é inédito. O Datafolha mostra, cientificamente e pela primeira vez na história do Brasil, quem são os intolerantes raciais.

Mas esse percentual não desvenda quantos são os brasileiros que nutrem secretamente — por "cordialidade" ou vergonha — preconceito em relação a negros.

Esse "racismo cordial" é mais intenso do que os 10% de precon-

ceituosos assumidos. O Datafolha mapeou também esse fenômeno.

Com 12 perguntas indiretas, foram identificados os brasileiros que não se dizem preconceituosos, mas que escorregam no seu comportamento diário.

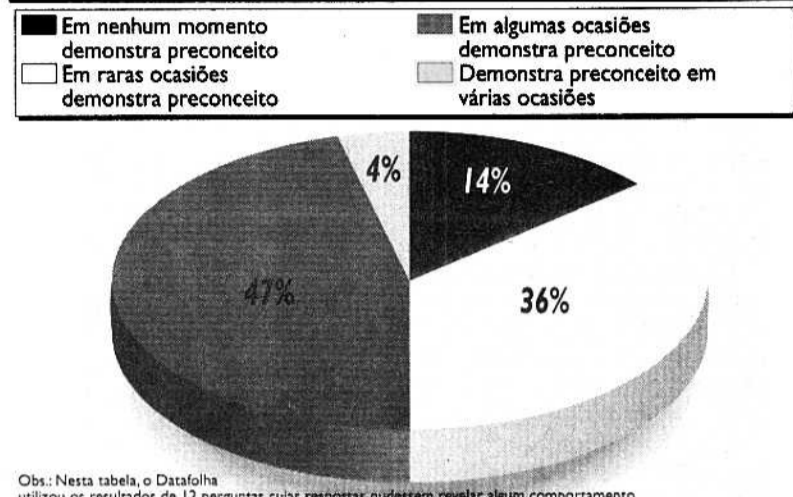
"Negro bom é negro de alma branca" e "negro quando não faz besteira na entrada, faz na saída" são frases comumente usadas por muitos que se dizem não-racistas.

Mais precisamente, 87% dos brasileiros não-negros não vêem problema em pelo menos uma das 12 frases ou atitudes listadas.

Esses 87% são aproximadamente 80 milhões dos brasileiros não-negros (brancos, mulatos, pardos etc.), com 16 anos ou mais. Todos, em maior ou menor grau, têm preconceito contra negros.

... E O PRECONCEITO REVELADO

Quem manifesta preconceito contra negros em algum momento, ainda que de forma indireta



Obs.: Nesta tabela, o Datafolha utilizou os resultados de 12 perguntas cujas respostas puderem revelar algum comportamento preconceituoso de não-negros em relação a negros. As perguntas e as respostas estão relacionadas na página 4 deste caderno. Abaixo, nesta página, está uma explicação sobre a metodologia usada na elaboração deste "ranking" do preconceito.

Fabiano Ramos/Folha Imagem

Fonte: Datafolha

OUTRO LADO

24.out.91/Folha Imagem



Ana, que processou Maria

Juiz queria manter pena

SARA SILVA
Da Folha Sudeste

Maria Thereza Ferraz Ramos Féris foi condenada duas vezes. Uma, em 91, por racismo. Outra, em 92, por calúnia e difamação.

O juiz que a condenou, nos dois casos, foi Antonio Jeová da Silva Santos, de Paulínia (119 km de São Paulo). Santos é negro.

No caso de racismo, Maria Thereza teria impedido a matrícula de sete estudantes negros na escola estadual na qual era diretora.

Por racismo, pegou quatro anos de reclusão, com direito a cumprir a pena em regime aberto (quando o detento não fica preso, mas apenas se reporta periodicamente às autoridades).

Maria Thereza recorreu nos dois casos e foi absolvida em 19 de agosto de 93 (calúnia e difamação) e 16 de maio de 94 (racismo) pelo Tribunal de Justiça de São Paulo, instância superior ao Fórum de Paulínia.

"Foi uma decisão que precisa ser acatada, mas, caso eu tivesse que julgar hoje novamente o caso, a decisão seria a mesma", afirmou Santos à **Folha** sobre a sentença do Tribunal de Justiça no caso de racismo.

O caso de calúnia e difamação, por ter componentes raciais envolvidos, é o que ficou mais famoso. A ex-diretora foi acusada pela professora da mesma escola Ana Augusta da Silva.

Ana Augusta, que é negra, afirmou que Maria Thereza teria dito que "lugar de negro é na senzala". Além disso, teria impedido a sua entrada na escola.

João Almeida, advogado de Ana Augusta, esperava que a ação não fosse modificada pelo Tribunal de Justiça de São Paulo.

"A ação mostrou que a comunidade negra quer ser reconhecida e que o racismo é um ato repugnado pela sociedade", afirmou.

O casos já prescreveram e não há mais como recorrer a uma instância superior.



A diretora aposentada Maria Thereza, hoje absolvida, mas que havia sido condenada a quatro anos de prisão por racismo

'Preto é gente', diz absolvida por racismo

Da Reportagem Local

Quando a professora e diretora de escola estadual aposentada Maria Thereza Ferraz Ramos Féris, 59, diz que "tem preto que é gente", não tem intenção de ser racista. E ela diz não ser racista.

Maria Thereza faz propaganda dos negros. Teve várias testemunhas negras depondo a seu favor num processo que respondeu por acusação de racismo, em 90.

Em Paulínia (120 km a noroeste de São Paulo), ela dirigia uma escola estadual. A professora Ana Augusta da Silva acusou Maria Thereza de proibi-la de entrar na escola. E, mais, de ter dito: "Lugar de negro é na senzala".

Passados cinco anos, Maria Thereza hoje festeja sua absolvição em segunda instância. Tanto no caso da professora que a acusou como em um outro, no qual alegava que ela teria impedido a matrícula de estudantes negros.

Magoada, Maria Thereza chora com facilidade quando é obrigada a se lembrar do caso. "Se eu tivesse um pouco de culpa, eu nem estaria aqui. Nem estaria lhe dando bola", disse durante uma longa entrevista à **Folha**, a primeira desde que foi absolvida.

Durante duas horas e meia, Maria Thereza repetiu incontáveis vezes não ser racista, muito pelo contrário. Ainda assim, soltou frases do tipo "gosto não se discute" (sobre gostar ou não de negros) e "fui defendida por eles; por incrível que pareça".

Maria Thereza é um exemplo vivo dos brasileiros que desejam ser cordiais em relação aos negros. Mas acabam escorregando em algum momento, como os 87% identificados na pesquisa do Datafolha publicada hoje.

A seguir, os principais trechos de sua entrevista: (FR)

Folha - Quando a sra. foi condenada?

Maria Thereza - Em outubro de 1991.

Folha - Quando foi a absolvição em segunda instância?

Maria Thereza - Houve dois processos. Um no qual afirmaram que eu impedi a matrícula de alunos negros na escola. Outro porque uma professora se disse ofendida. Fui absolvida dos dois, por unanimidade, em 93 e 94, no Tribunal de Justiça de São Paulo. Nunca fui procurada pela imprensa depois de as sentenças terem sido reformadas.

Folha - Até quando a sra. continuou dirigindo a escola estadual em Paulínia?

Maria Thereza - Até o dia que teve uma passeata e os meus nervos despencaram, em janeiro de 91. Levaram escola de samba de Campinas, televisão... Eu estava para sair de casa, quando a Polícia Militar avisou que era perigoso.

Eu não merecia isso... (chorando) Se eu tivesse um pouco de culpa, eu nem estaria aqui. Nem estaria lhe dando bola. Mas é uma mágoa tão grande a que eu tenho de ter me enlameado...

Folha - A sra. acha que muitas pessoas no Brasil hoje não gostam de negros?

Maria Thereza - Eu acho que, assumidamente, não há ninguém. Pode ter até no íntimo. Mas, assumidamente, não.

Folha - O que acontece se uma pessoa, sem tomar uma atitude prática, disser que não gosta de negros?

Maria Thereza - É um direito que ela tem de gostar ou não gostar. Gosto não se discute.

Folha - O que poderia ser feito para que a atitude das pessoas mudasse?

Maria Thereza - Precisaria uma campanha com a criança negra: para ela não ser a primeira a reconhecer. É horrível quando o negro diz: "Ela me 'xingou' de negro". Pelo amor de Deus!

Folha - Como assim?

Maria Thereza - Você está admitindo que negro é inferior. O negro não pode dizer isso.

Folha - Depois do seu processo, a sra. desenvolveu algum tipo de preconceito contra negros?

Maria Thereza - Não. Eu não poderia ter porque eu fui defendida por eles; por incrível que pareça. Se ofereceram. Pessoa que não presta não tem cor. É cor de burro quando foga.

Folha - Como a sra. recebeu a sua sentença?

Maria Thereza - Eu levantei de madrugada, liguei a televisão e fiquei sabendo que tinha sido condenada a quatro anos de cadeia. Comecei a passar mal. Na minha

cabeça, de manhã cedo o camburão ia me levar para a penitenciária. Dei uma entrevista de manhã e fui direto para o hospital. Fiquei internada. Peguei infecção hospitalar e até hoje tenho problema nos rins. Depois, fiquei (em casa) com enfermeira, por sinal, preta.

Folha - Essa enfermeira sabia sobre tudo o que se passava?

Maria Thereza - Olha, eu vou dizer para o sr.: tem preto que é gente.

Folha - O que a sra. acha da frase "se pudessem comer bem e estudar, os negros teriam sucesso em qualquer profissão"?

Maria Thereza - Claro, como qualquer ser humano. Eu acho que no momento em que eu posso casar, cruzar com um negro e ter filhos, isso significa que ele é igual. Porque eu não posso casar com um macaco, com um cachorro — eu não terei filhos. Posso até ter relações sexuais, mas não ter filhos.

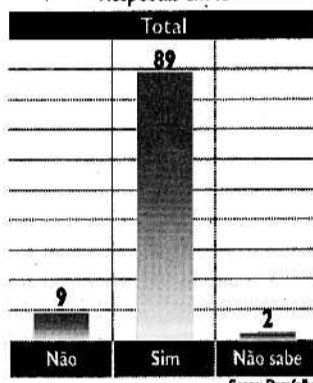
Folha - É o caso, hoje em dia, de as pessoas tomarem cuidado com as coisas que dizem, quando um branco e um negro estão discutindo?

Maria Thereza - Principalmente o branco. Mas precisaria acabar com isso, porque gera a animosidade, a raiva. Você já viu algum português te processar? Algum judeu te processar porque você contou uma piada? E o que tem de repertório de piadas de português burro... É isso o que eu quero: que a criança preta tenha o espírito do português. Ele não se sente, no fundo, inferior; dá risada.

O RANKING

OS BRANCOS TEM PRECONCEITO DE COR EM RELAÇÃO AOS NEGROS?

Respostas em %



Fonte: Datafolha

Saiba como é a escala

Da Reportagem Local

A pesquisa do Datafolha encontrou dois números principais: a) 89% da população acha que os brancos têm preconceito em relação a negros e b) apenas 10% dos não-negros admitem ter preconceito contra negros.

Há um buraco claro nessa estatística. A maioria diz haver racismo. Mas, na hora de assumir, poucos o fazem. Por isso, o Datafolha usou perguntas indiretas para identificar o comportamento e o discurso do brasileiro sobre preconceito de cor.

Foram escolhidas 12 frases e proposições que podem revelar atitudes ou conceitos preconceituosos. As perguntas e suas respostas estão na página 4 deste caderno.

Para cada resposta, o Datafolha atribuiu uma pontuação. No final, calculou-se uma média para cada um dos 5.081 pesquisados.

O resultado desvenda parte do discurso e atitude do brasileiro em relação a negros. Uma arrasadora maioria (87%) dos não-negros responde de forma preconceituosa a pelo menos uma das 12 perguntas.

"Outras perguntas teriam resultado diferente. Mas não havia um padrão e nós tivemos de arbitrar", diz o sociólogo Gustavo Venturi, diretor do Datafolha.

Criaram-se quatro categorias nessa escala do preconceito: 1) não manifesta preconceito; 2) manifesta um pouco de preconceito; 3) manifesta medianamente preconceito e 4) manifesta preconceito fortemente.

Como o país não tem pesquisa científica sobre racismo com abrangência da realizada pelo Datafolha, não é possível dizer se o preconceito hoje é maior ou menor do que há cinco ou dez anos.

A pesquisa do Datafolha cria um paradigma. No futuro, será possível dizer, cientificamente, se o brasileiro tornou-se mais ou menos preconceituoso. (FR)